

PAULO AUGUSTO DE SOUZA NOGUEIRA

Nasceu em Londrina, Paraná, em 1963. É doutor em Teologia pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Atua como professor e pesquisador na Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo, desde 1991. Seus temas de pesquisa estão relacionados com a história e a literatura do cristianismo no mundo antigo, com foco especial nos textos apocalípticos judaicos e cristãos. Dentre os apocalipses, além do Apocalipse de João, estuda relatos de viagens ao mundo do além. Também tem interesse pelas narrativas dos evangelhos e dos atos, canônicos e apócrifos, em sua relação com a cultura popular do Mediterrâneo. Devido ao fato de trabalhar com textos imaginativos e dotados de muita fantasia narrativa, e para poder lidar com sua complexa forma de representar o mundo, também se dedica ao estudo de teoria de mito, de metáfora, além de tópicos de semiótica da cultura e de teoria da recepção. É bolsista produtividade CNPq, nível 2, e desenvolve projeto de pesquisa FAPESP: O Cristianismo Primitivo como religiosidade popular do Mediterrâneo. É autor de artigos em periódicos, livros, capítulos de livros etc., que vão da linguagem acadêmica à linguagem de divulgação científica, como no caso de *O que é Apocalipse* (Coleção Primeiros Passos), da Editora Brasiliense (2008), e *Narrativa e cultura popular no Cristianismo Primitivo*, pela Paulus (2018), traduzido ao espanhol pela Sígueme (2019).

Como se originou o cristianismo? Quem eram os primeiros seguidores de Jesus de Nazaré? De que estratos sociais provinham? A que etnias pertenciam? No que eles criam? Quais suas práticas religiosas? Com embasamento em pesquisas recentes da exegese bíblica, essas e outras questões são abordadas neste livro de forma simples e direta. Ele cobre da origem do movimento cristão no judaísmo, passando por João Batista, pelo movimento profético de Jesus de Nazaré na Galileia, até a disseminação das comunidades por todo o Mediterrâneo e as tentativas de organização das igrejas do segundo século. Ainda que a narrativa vá até os pais da igreja que formaram o cristianismo estabelecido, não ficaram de fora os movimentos marginais, alternativos, chamados de heréticos. Trata-se de uma história do cristianismo antigo feita para os nossos dias: tempos de luta por diálogo e valorização das diferenças. Nela poderemos reconhecer traços da piedade viva de homens e mulheres comuns. Essa história do cristianismo das origens é breve, informativa e abre perspectivas para que o leitor possa visitar o Novo Testamento e os textos apócrifos.

 EDITORA
SANTUÁRIO
www.editorasantuario.com.br



PAULO NOGUEIRA - BREVE HISTÓRIA DAS ORIGENS DO CRISTIANISMO

PAULO NOGUEIRA

BREVE HISTÓRIA DAS ORIGENS DO CRISTIANISMO



“Nero se dirigiu a Paulo:

– Homem do grande rei, mas agora meu prisioneiro, que te deu na mente entrar secretamente no Império Romano e arregimentar dos que estão sob meu comando?

Paulo, no entanto, cheio do Espírito Santo, disse diante de todos:

– Cesar, não apenas dos que estão sob teu comando arregimentamos, mas de todo o mundo habitado. Isso pois me foi ordenado: a ninguém excluir dos que querem servir nas fileiras de meu rei. E se por acaso tu queres te arregimentar com ele ... Pois não te salvarão tuas riquezas, nem o brilho de tua vida atual, mas te salvarás se te sujeitas a ele, e a ele imploras. Pois haverá um dia em que ele lutará contra o mundo em fogo.”

(Atos de Paulo – Martírio de Paulo 3)

PAULO NOGUEIRA

BREVE HISTÓRIA DAS ORIGENS DO CRISTIANISMO



Direção Editorial:	Pe. Fábio Evaristo R. Silva, C.Ss.R.
Conselho Editorial:	Ferdinando Mancilio, C.Ss.R. Gilberto Paiva, C.Ss.R. José Uilson Inácio Soares Júnior, C.Ss.R. Mauro Vilela, C.Ss.R. Marcelo da Rosa Magalhães, C.Ss.R. Victor Hugo Lapenta, C.Ss.R.
Coordenação Editorial:	Ana Lúcia de Castro Leite
Revisão:	Bruna Vieira da Silva
Diagramação:	Mauricio Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

N778b

Nogueira, Paulo Augusto de Souza

Breve história das origens do cristianismo / Paulo Augusto de Souza Nogueira. - Aparecida, SP : Editora Santuário, 2020.
200 p. ; 14cm x 21cm.

Inclui bibliografia e índice.
ISBN: 978-85-369-0614-0

1. Cristianismo. 2. História. 3. Origem. I. Título.

2019-1937

CDD 240
CDU 24

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Cristianismo 240
2. Cristianismo 24

1ª impressão

Todos os direitos reservados à **EDITORA SANTUÁRIO** – 2020



Rua Pe. Claro Monteiro, 342 – 12570-000 – Aparecida-SP
Tel.: 12 3104-2000 – Televendas: 0800 - 16 00 04
www.editorasantuario.com.br
vendas@editorasantuario.com.br

Prefácio

As origens do cristianismo parecem ser um tema óbvio e fácil de se abordar. Afinal, o cristianismo não é a maior religião do mundo? Não é ele a religião praticada pelas populações das maiores potências econômicas e políticas? E não é o cristianismo a religião que tão profundamente influenciou a cultura ocidental? Abordar a história das origens cristãs seria então narrar as linhas de continuidade entre o passado e o presente. Tampouco deveríamos ter surpresas nos temas a serem tratados. O cristianismo procede de Jesus de Nazaré e dos apóstolos. O que haveria de surpresa nisso?

Pois bem, as origens do cristianismo são tudo menos um tema óbvio e fácil. O cristianismo surge de um movimento profético na Galileia no final da década de 20 da era comum. A partir de um profeta messias

que foi rejeitado e executado pelas autoridades. Esse movimento era camponês, sua atividade profética era oral. Não havia sede fixa, pois os profetas perambulavam de aldeia em aldeia anunciando a “Boa-Nova”. Algumas décadas depois, esse novo movimento religioso estava espalhado por importantes cidades do Império Romano, no oriente e no ocidente. As comunidades se organizavam agora em casas e se comunicavam umas com as outras por meio de escritos elaborados. O que dizer de suas crenças? Sabemos que havia uma grande pluralidade de ensinamentos, devoções ao Cristo, formas de culto, de organização etc.

Além de muitos plurais, as origens cristãs também devem tratar dos grupos que no início eram representados, mas, que, por diferentes motivos, perderam vez e voz. Muitos só conhecemos por meio de testemunhos de outros textos que os criticavam. Recuperar essas vozes silenciadas é um exercício importante para percebermos que muito do que cremos ser tradicional e necessário é fruto de escolhas e de embates.

Estudar as crenças e práticas religiosas dos primeiros cristãos é um exercício muito proveitoso por, no mínimo, dois motivos. O primeiro é que nos mostra que o que se acredita ser alicerces da sociedade cristã não pode ser atribuído aos primeiros cristãos de forma acrítica. As posturas monolíticas que tentam fazer das origens o fundamento indiscutível de suas práti-

cas, na verdade, querem fundamentar suas posturas com uma aura de ancestralidade e autoridade. Temos que rejeitá-las criticamente. O segundo motivo tem a ver com as descobertas que poderemos fazer em nossa incursão na espiritualidade de homens e mulheres, velhos e crianças, livres e escravos, que eram devotos do Cristo e que constituíam uma comunidade de irmãos, apesar de suas diferenças. A delicadeza de sua espiritualidade e as formas como se inserem em seu mundo social nos servem de exemplo e motivação.

Escrever uma obra de divulgação é uma tarefa difícil. A produção acadêmica sobre as origens do cristianismo é imensa. Nos EUA e na Europa esse tema é dividido em duas áreas: Novo Testamento e Estudos de Cristianismo Antigo (Early Christian Studies). Temos que transitar entre as duas, pois não queremos nos limitar a abordar as fontes do Novo Testamento. Nesse sentido escrever é escolher e, de alguma forma, deixar coisas de fora. Isso não significa, no entanto, que tenhamos simplificado as origens, em favor de um didatismo condescendente. Nosso desejo é oferecer ao leitor leigo um quadro de temas, de bifurcações, de dilemas da pesquisa, em linguagem não especializada. Esperamos que o leitor possa fazer proveito da bibliografia em língua portuguesa que selecionamos e comentamos no final da obra. Nesse sentido este livro é um convite ao aprofundamento.

Gostaria de agradecer a algumas pessoas que leram parte deste texto quando ainda estava sendo redigido e que me incentivaram a continuar. Em especial agradeço a André Nogueira, meu filho, que, ao me ver absorto em outras atividades, com insistência perguntava: e o livro, quando sai? Também me motivou a escrever, fazendo contato com a Editora Santuário, o editor e amigo, Marcos Simas. A ele meu agradecimento. Também agradeço ao padre Fábio Evaristo, diretor da Editora Santuário, por receber e aprovar este livro quando era apenas um projeto. Ainda que esta obra seja de divulgação, eu não a teria escrito fora do âmbito do projeto de pesquisa Cristianismo Primitivo como Cultura Popular do Mediterrâneo, que contou com precioso financiamento da FAPESP, na qualidade de projeto regular. Também fui apoiado por bolsa produtividade do CNPq, a quem agradeço igualmente. Por fim agradeço a amigos e parceiros com quem tenho partilhado esses temas das origens do cristianismo, em especial aos pesquisadores e pós-graduandos do Grupo Oracula, da Universidade Metodista de São Paulo.

Introdução

O ano é 111 de nossa era. O local, a província romana do Ponto e da Bitínia, na atual Turquia. O assunto: uma denúncia anônima contra pessoas acusadas de fazerem parte de um grupo religioso que as autoridades não conheciam muito bem, mas que se suspeitava ser perigoso. O governador da província, Plínio o Jovem, tomou medidas a respeito que fez questão de relatar ao Imperador Trajano em uma carta, o primeiro documento oficial romano que faz referência aos cristãos. Seu procedimento foi simples e pragmático. Entrevistou os acusados, perguntando uma, duas, três vezes se eram cristãos, com ameaças de suplício. Os que perseveraram na confissão de ser cristãos foram executados. Os cidadãos romanos foram enviados à capital para julgamento. Quanto aos que negaram ser ou terem sido cristãos, esses foram obrigados a provar que renuncia-

vam a essa religião por meio de um ritual: invocar os deuses, sacrificar incenso e vinho diante da estátua do imperador e, por fim, blasfemar contra o Cristo. Mesmo os que confessaram terem sido cristãos no passado, uma vez submetidos a esse ritual, eram liberados. Se supunha que nenhum cristão teria suportado esse ritual. Confessar ser cristão, no entanto, era intolerável para o governador. Ainda que Plínio não tivesse muita noção do que era ser cristão, ele definia essa religião como “loucura”, como “superstição insensata e exagerada”. Plínio também revelou ao Imperador Trajano que os membros desse desconhecido grupo religioso abrangiam ambos os sexos, diferentes idades, classes sociais, gente da cidade e do campo. E seu crescimento religioso parecia já prejudicar os cultos tradicionais, uma vez que os templos se encontravam vazios e a carne dos sacrifícios não encontrava compradores.

Perguntamo-nos: com que tipo de gente Plínio se deparou? Que tipos de práticas e crenças seus interrogatórios revelaram? O que caracterizava esse grupo de cristãos do segundo século? Que quadro emerge dessa descrição de um grupo religioso que era percebido pelo poder como tão ameaçador à boa ordem social? Os que confessaram terem sido cristãos no passado descreveram suas práticas religiosas de forma singela, como: se reuniam em um dia fixo (no sábado, no domingo?), antes do nascer do sol, cantavam entre

si hinos a Cristo, “como a um Deus”, comprometiam-se a não cometer crimes segundo uma lista (não roubar, não adúlterar, não faltar à palavra dada). Também tinham o costume de tomar uma refeição singela. O governador, no entanto, não satisfeito com essas informações, mandou, segundo o costume romano, “extrair a verdade”, por meio de tortura de duas escravas, que eram chamadas de “diaconisas”. Segundo ele, não encontrou nada mais que “uma superstição insensata e exagerada”.

Façamos o exercício de reconstruir, mesmo que, hipoteticamente, as práticas desses cristãos a partir das informações anteriores. Eles se reuniam antes do sol nascer nos sábados ou domingos, louvavam ao Cristo entoando hinos, comprometiam-se a cumprir as leis de Deus recitando o decálogo (os dez mandamentos da lei de Moisés) e, por fim, tomavam a eucaristia. Essa descrição combina perfeitamente com o que imaginamos ser um culto de uma comunidade cristã ou judaico-cristã no primeiro ou segundo século. Hinos, sermão, eucaristia. Tudo isso celebrado nas casas, de madrugada, antes do início da jornada de trabalho. Isso indica que se tratava de um grupo de gente simples, de trabalhadores braçais, que tinha de atender a suas responsabilidades. O fato de as únicas lideranças do grupo mencionadas na carta serem duas escravas, chamadas de “diaconisas”, também revela algo de seu

perfil social. O documento não menciona nenhum bispo, nenhum teólogo, nem doutrinas complexas.

Infelizmente, não sabemos muito do que o cruel governador conseguiu ouvir a partir da tortura das duas escravas, as diaconisas. Sequer conhecemos seus nomes. Escravos não eram gente. Plínio, a partir de sua posição de poder, como representante do Imperador, mas também de seu lugar de homem de cultura elitista, não se deu ao trabalho de caracterizar o conteúdo da confissão das duas mulheres, dizendo apenas se tratar de “superstição insensata e exagerada”. O que viria a ser isso? O que teria escandalizado tanto ao governador, que o teria levado a desprezar seu conteúdo, a ter sequer narrado o que ouviu? Quais as crenças e as práticas que lhe teriam contado as duas líderes da igreja? O que elas teriam testemunhado em meio ao suplício?

Essa “superstição insensata e exagerada”, as crenças e práticas de cristãos e cristãs comuns, constituem o tema deste livro. Ainda que se possa ler a carta de Plínio e toda a documentação pagã e mesmo cristã para analisarmos as relações entre os cristãos e o poder romano, nosso objetivo será outro, mais delicado, o de adentrar no universo das narrativas, crenças, expectativas, medos e esperanças dessas pessoas comuns que, de alguma forma, se identificavam com Jesus de Nazaré, que se reuniam para praticar devoção à sua pessoa, para se organizarem como comunidade em torno de

seu nome. O que seria esse universo de narrativas, cânticos, pregações, ações simbólicas, formas de comportamento, esperanças, que o governador Plínio se dá ao trabalho de resumir em uma expressão tão econômica e ácida como “superstição insensata e exagerada”?

Nossa tarefa, ainda que fascinante, não será fácil e nos impõe uma postura, ao mesmo tempo, imaginativa e cuidadosa. Nunca poderemos saber exatamente no que criam as escravas da Bitínia. Mesmo se tratando de um grupo religioso composto, em sua grande maioria, de gente simples, iletrada, subalterna, os cristãos se compunham de uma diversidade de forma de organizações comunitárias e de uma pluralidade de crenças religiosas. Sua devoção ao Cristo era multifacetada. Isso nos imporá um roteiro muito amplo, visitando testemunhos dos primeiros cristãos em textos dos mais diversos. A maior parte deles se encontra no que se convencionou chamar de Novo Testamento, a escritura cristã, que complementa o que também se convencionou chamar de Antigo Testamento. Vários escritos antigos dos primeiros cristãos (cartas, narrativas) foram reunidos em uma biblioteca de 27 livros. Esses livros têm em comum versarem sobre a vida de Jesus de Nazaré, a atuação de seus primeiros seguidores e por registrarem cartas nas quais são dadas instruções para as comunidades sobre os mais diferentes aspectos de sua vida. Apesar de eixos comuns, essas obras são muito

diferentes entre si, contribuindo com um quadro plural de memórias sobre Jesus e de práticas religiosas inspiradas nele.

Há outros testemunhos importantes, antigos e originais, fora do Novo Testamento, que também devem ser levados em conta em uma reconstrução das crenças e práticas dos primeiros cristãos. Trata-se dos escritos apócrifos e de documentos dos primeiros pais da igreja, os chamados Pais Apostólicos. Nos textos apócrifos encontramos mais testemunhos antigos sobre a vida e as crenças dos primeiros cristãos. Faremos uso deles, aqui e ali, para completar o quadro já bastante plural que encontramos no Novo Testamento. Nosso objetivo não será encontrarmos uma teologia do Novo Testamento, ou a versão original do que foi o cristianismo, mas abrir possibilidades de compreensão da vida concreta desses homens e dessas mulheres que corajosamente se organizaram a partir de encontros com o Cristo.

No capítulo que segue, vamos discutir brevemente alguns pressupostos para entendermos nossa tarefa, o estudo do cristianismo das origens. Vamos nos distanciar de um olhar dogmático, permitindo-nos criar hipóteses históricas que recriem esse universo diante de nossos olhos. Nosso foco serão as crenças e práticas concretas, que estão mais retratadas nas narrativas e na poesia dos primeiros cristãos, organizando sua vida, em diferentes partes do Império Romano.

Índice

Prefácio	5
Introdução	9
1. Cristianismo Primitivo?	
Que nome é esse?	15
2. Quando começa? Quando termina?	20
3. Do que se diferencia? A que se associa?	25
4. Qual nosso foco: Pessoas? Organização?	
Comportamentos? Crenças? Ideais?	28
5. João Batista	31
6. O início: o batismo de Jesus	
e a audição celeste	33
7. Camponeses visionários	35
8. Milagreiros e profetas itinerantes	38
9. Profecia e milagre	42
10. Primeiros conflitos e controvérsias	45
11. Tomada de consciência?	
(Mc 8 e 9, confissão e transfiguração)	47
12. O Antirrei (entrada em Jerusalém)	50
13. O conflito assumido: Jesus e o Templo	52
14. A execução	54

15. A grande crise: o messias morto	57
16. Mulheres quebram o silêncio	59
17. Refeições com o messias:	
testemunhos de reencontro.....	61
18. Lideranças emergentes: Pedro, Tiago, João.....	64
19. Reunião e dispersão	66
20. Dois modelos: reunião para oração e missão aos gentios. A execução de Estevão.....	68
21. Roteiros I: Cesareia, Chipre, Antioquia	70
22. Roteiros II: Samaria, Etiópia. E os confins.....	73
23. Vocação de Saulo de Tarso.....	76
24. A igreja de Antioquia: exaltação e nova identidade.....	79
25. Antioquia <i>versus</i> Jerusalém (At 15).....	81
26. Terceiro martírio: Tiago.....	85
27. A igreja da outra Síria.....	87
28. Paulo e Barnabé pregam aos gentios.....	93
29. Galácia: Gentios interpretam a Torá	97
30. Macedônia, Corinto, Éfeso: cristianismo nas casas	100
31. A comunidade de Corinto: tensões, disputas e carismas	105
32. A caminho de Roma. O martírio.....	111
33. A catástrofe: Jerusalém destruída em 70 d.C.....	116
34. Memórias construídas e narradas: os três primeiros evangelhos.....	121

35. Novos debates, novos interlocutores: os fariseus	128
36. O mundo às avessas: renovação apocalíptica	132
37. Mais e melhores memórias: O Evangelho de João e o Evangelho de Tomé.....	139
38. Como agir no mundo? Adaptações e resistências	143
39. O corpo e a sexualidade como problemas.....	147
40. O Cristo cósmico	152
41. Multiplicidade de modelos comunitários e de liderança. Esforços de unificação	157
42. Movimento de propaganda dos Bispos (Inácio de Antioquia)	161
43. Rupturas nas origens: o judaísmo como problema.....	165
44. Delimitações internas: quem são e o que pensam os cristãos?	170
45. O cristianismo dos grupos subalternos	175
46. Cristianismo primitivo: Onde termina? Como continua?	182
A Palestina no século I d.C.	187
Império Romano.....	188
Referência cronológica.....	189
Data aproximada e hipotética de redação	191
Bibliografia selecionada em língua portuguesa.....	193